

VILÉM FLUSSER

A nossa herança grega, que é o tema da presente aula, e da aula próxima, requer um esforço muito menor de minha parte que o tema das aulas passadas. De lo menos o esforço intelectual será menor, porque o tema é repisado. Todos os cursos de filosofia, de história da literatura, da música, das artes plásticas começam pelos gregos, e mesmo se se dão arca de começar por povos anteriores, sentimos que é pelos gregos que deveriam ter começado autenticamente. Heidegger diz que somos uma conversação com os gregos. A nossa língua está permeada por termos gregos, as nossas instituições pretendem, em grande parte, ser cópias de instituições gregas, e os pequenos lugarejos balcânicos e anatólicos que se chamaram a si mesmos "estados" numa mania de grandeza são para nós existencialmente muito mais interessantes que muitas das gigantescas superorganizações da atualidade. Não era sempre assim na história do Ocidente. Não era sempre verdade que a herança grega dominava a consciência da sociedade. Havia épocas nas quais por exemplo a herança judaica surgiu mais a tona, por exemplo no auge da Idade Média, quando o Ocidente tentava fisicamente reconquistar a Palestina. E havia épocas de um renascimento da herança latina, por exemplo no tempo de Carlos Magno, quando um cacique franco assumia poses de um quirita romano, e no tempo de Napoleão, quando um bandido corso se tornou consul e imperador, e quando entre os advogados franceses e os fazendeiros americanos pululava uma multiplicidade de Césares e Brutus, de Senecas e de Scipios maiores e menores. Seria até divertida a tentativa de escrever uma história do Ocidente como história de figurinhas judaicas, gregas e romanas que pulam alternativamente das suas respectivas caixinhas de surpresa. Descobriríamos nessa tentativa que a nossa história não passa de uma série de renascimentos dessas três heranças que se sucedem em ritmo a ser descoberto. Se os husitas construíram uma cidade em plena Boémia medieval que chamavam de "Tabor", isto é tão autêntico quanto a construção de uma cidade chamada "Atenas" pelos americanos no Ohio do século 19. Não resta dúvida que nós estamos vivendo no meio de um renascimento grego. Isto facilita intelectualmente a minha tarefa. Mas ao mesmo tempo dificulta a minha tarefa de um ponto de vista existencial, porque os gregos que renascem ao nosso redor são sombras inautênticas, são projeções cinematográficas do nosso próprio pensamento sobre a tela de uma suposta historicidade. Os gregos que renascem hoje em dia são totalmente diferentes dos gregos que renasceram na Toscana do século 15, na Baviera do século 18 ou em Manhattan dos anos 20 do século presente. É claro que não espero poder ressuscitar ante os senhores os gregos em si, já que nessa tarefa falhou o próprio Mefistófeles ao querer ressuscitar Helena para Fausto. Sou, como todos nós, prisioneiro do hic et nunc, e os gregos dos quais lhes falarei serão sempre os gregos "para nós", isto é sombras do nosso Hades que habitam o nosso subconsciente. Mas será justamente nesse Hades que tentarei reencontrá-los, e não numa suposta objetividade. Em outras palavras, tentarei fazer o que fez a Ifigênia de Goethe: Procurar a terra dos gregos com a alma.

Dedicarei a presente aula à tentativa de evocar a imagem dos gregos numa espécie de visão panorâmica, tal como o Cinemascope a permite, e tentarei na aula ou em aulas futuras aprofundar essa imagem. Será portanto superficial esta aula, mas a sua superficialidade será, se tiver êxito, compensada pela beleza da paisagem que contemplaremos. E não unimos sempre o conceito da beleza com o nosso conceito dos gregos? Nesse espírito de busca da beleza iniciemos a viagem, e permitam que lhes cite Schiller: "Sassen auf den hohen Schiffen laengs des Hellespontos Strand, auf der frohen Fahrt begriffen nach dem schoenen Griechenland". "Sentavam nos navios altos ao longo da praia do Hellesponto, em viagem prazerosa rumo à bela Grécia".

Com efeito, entretanto, serão duas as grécias que visitaremos: a da clareza olímpica, e a da profundidade bíblica, porque são dois os ciclos de mitos dos quais o projeto grego brota. Desprezarei nesta aula todas as considerações de ordem crítica e histórica que tentam explicar essa duplicidade da inspiração grega, e que tentam descrever a interação entre esses dois mundos. Tentarei, pelo contrário, resumir e adensar esses dois mundos, para que os possamos discutir nas aulas futuras. Começarei pelo projeto existencial que brota dos mitos que se agrupam em redor do mito do Olimpo. O mundo que esses mitos estabelecem é um organismo vivo é "physis". As partes do mundo são seus órgãos, os seus processos são seu

VILÉM FLUSSER

metabolismo. Esse organismo move-se de forma ordenada e rítmica, inspira e expira. Dentro desse movimento corresponde um lugar determinado e um papel orgânicamente "natural" à toda coisa. O lugar da pedra é o chão, e o papel da pedra é cair ao chão, e nisto reside a natureza da pedra. O lugar do pássaro é o ninho, e o papel do pássaro é voar para o ninho, e nisso reside a natureza do pássaro. Quando algo se desloca do seu lugar justo dentro do processo metabólico do cosmos, é reconduzido, por necessidade (ananke) ao seu lugar original de direito. Nisso reside a virtude (arete) do cosmos. Daí o conceito da justiça, da necessidade, da lei e da determinação (entelechia) no sentido grego. A respiração cósmica, o hálito que invade tudo e que faz que tudo viva, é o pneuma. Cada coisa projeta, graças a esse hálito, uma sombra viva, a psyche. E dentro de toda coisa esconde-se essa sombra. Toda montanha, todo rio, toda pedra esconde uma nímfa, um gênio, um deus. Toda coisa vive, é física no sentido grego, e essas vidas particulares estão sujeitas à vida geral cósmica, a physis. Esse superanimado que é o mundo é portanto o conjunto de vidas particulares, e vive em tensão que busca equilíbrio: "bios" é vida e arco. Esse processo de busca de equilíbrio (heimarmene) é dirigido por uma espécie de cérebro cósmico, pelo panteon no Olimpo. Mas os deuses do Olimpo estão, eles também, sujeitos à ação ordenadora da necessidade. Estão em desequilíbrio que a necessidade ordena. Há conflitos entre os deuses, como há conflitos entre diversos impulsos nervosos no cérebro humano. Mas a cada deus está subordinado um aspecto do mundo inteiro, de modo que podemos dizer que cada deus, sob este aspecto determinado, dirige o mundo inteiro. O conflito entre os deuses é o conflito entre os diversos aspectos do mundo. É um modo de dizer que Hélios dirige o sol, Poseidon o mar, Hefaiistos o fogo. Na realidade Hélios dirige o mundo inteiro sob seu aspecto solar, e assim por diante. Atene dirige e representa o mundo como mundo razoável, Apolo como mundo-harmonia, Afrodite como mundo-fertilidade, e Ares como mundo dialéctica de tendências em luta. O homem pode ver sómente um aspecto específico do mundo por vez, e quando o vê, está subordinado a um deus específico e determinado. Heráclito, ao ser imbuído do aspecto dialéctico do mundo, estava sujeito a Ares, e a frase "polemos pater panton" é com efeito um enaltecimento de Ares numa espécie de monoteísmo. Sócrates buscava, em todos os seus esforços, a virtude "arete" em sua forma de harmonia, estava portanto sujeito a Apolo, e quando diz o "deus", é sempre Apolo que tem em mente. Mas Zeus representa o foco comum a todos esses aspectos, a saber a própria justiça. Em seu conjunto, representa o panteon dos deuses olímpicos a força vital do cosmos, essa força conflitiva, mas não obstante equilibrada. Como vêm os senhores, o mundo olímpico, embora um palco de lutas, é não obstante estático do nosso ponto de vista. As forças que nele operam são vectores em busca de estabilidade, e a maneira de descrever esse mundo é a maneira da geometria. O homem é uma cópia em miniatura do cosmos. É um microcosmos. Serve como medida e como modelo para o mundo, ou, como nós dizemos, invertendo os papéis, o mundo olímpico é antropomorfo. O homem como modelo do mundo (anthropos metron panton) é o ponto de partida para o conhecimento desse mundo, e conhecendo-se a si mesmo (gnoti seauton) conhecerá o mundo inteiro. A viagem para dentro de si mesmo (teoria) equivale portanto como preparação para a viagem para fora (praxis). Nessa teoria o homem experimenta por assim dizer existencialmente dentro de si a lei (heimarmene) que rege o mundo externo, essa necessidade (ananke) que informa o mundo: (1) sente-se empurrado (moira) e (2) sente-se atraído (tyche). Entre essas duas forças, a da causalidade e a do acaso, situa-se o estreito e precário espaço da liberdade humana. A tragédia e a beleza da condição humana residem na tentativa vã e prometida de alargar o território da liberdade. Há, nessa condição duas alternativas para o homem de fazer uso da sua liberdade. Rebelar-se contra a lei que o algema de traz na forma da causalidade, e de frente na forma da entelechia e perecer como heros. Chama-se hybris essa alternativa. E submeter-se, sujeitar-se e ajoelhar-se à ordem do mundo, mediante negociações rituais com os deuses. Chama-se virtude (arete) essa alternativa. O orgulho (hybris) não sómente equipara o homem aos deuses, mas até o torna de certa forma superior a eles, que estão sempre sujeitos à ordem. Mas o herói, embora despreze os deuses, perece nesse

VILÉM FLUSSER

emepinho. Esse tema herbíco e orgulhoso, trágico e belo, que o mito de Prometeu préfigura, é no fundo o tema da loucura. Completa-se pelo mito de Epimeteu, que é o tema da sanidade. Porque esse mito permite a segunda alternativa, a alternativa virtuosa (arete), que é um sujeitar-se à ordem na tentativa de compreender e utilizar a necessidade para os fins humanos. Nessa tentativa reside a sabedoria (sophia). A sabedoria é portanto a maior virtude, e falta de virtude é falta de sabedoria. O amante da sabedoria (philosophos), embora não seja tão trágicamente belo quanto o herbí, é, no obstante o maior entre os homens, segundo os gregos. O herbí, embora superhumano, semi-divino, é carente se comparado com a organicidade completa da filosofia. De certa forma podemos dizer que a dicotomia herbí:filósofo é uma dicotomia básica do Ocidente, talvez encarnada pelas figuras gigantes-cas de Platão e Nietzsche.

Passo a considerar o projeto existencial que brota dos mitos que se agrupam em redor do mito de Pan, daquele mito escuro e obscuro das florestas. O mundo que este projeto estabelece é um mistério, um problema a ser resolvido, um véu a ser rasgado. Esse mundo-segreto é decifrável para o iniciado graças à ação reveladora e salvadora de Orfeu, esse sacerdote e rei mítico da Trácia obscura. O culto dionisiaco, que é uma ampliação do culto pânico, é a realidade dentro da qual Orfeu proporciona aos mortais a possibilidade de penetrar pelo mundo das aparências enganadoras (phainomena), tomar contato com a realidade escondida e alcançar a imortalidade. O mundo fenomenal é um ciclo nefasto de forças ameaçadoras, cheio de terror pânico, um mundo angustioso. O deus desse mundo, Dionísio, é esse próprio ciclo nefasto. É morto ciclicamente, rasgado e devorado pelas forças brutais, e renasce ciclicamente na forma de Zagreu, seu filho, que vira Dionísio para ser morto e devorado de novo. As forças que devoram o deus são as forças titânicas, e são por sua vez fulminadas e queimadas pelo deus. Das cinzas dos titães surge a humanidade. Mas essas cinzas que são a matéria prima da humanidade não são inteiramente titânicas, não são inteiramente más, porque, antes de serem fulminados, os titães tinham devorado o deus. O homem consiste portanto de uma parte titânica (má) e uma parte divina. Mas ao surgir o homem entra no ciclo nefasto do mundo, é, com efeito, apenas um aspecto desse ciclo. Depois de morrer, renasce. E toda vez que morre e que renasce, (kyklos tês genéseos), purifica-se (katharsis). A parte divina dentro do homem supera a parte titânica, até que o homem, no fim do ciclo, torna-se deus. Mas ao se tornar deus, ao se tornar Zagreu, vira Dionísio e é devorado pelos titães novamente. Esse mundo absurdo, esse mundo que o mito de Sísifo préfigura, era, até recentemente, relegado ao esquecimento. Já os gregos clássicos se esforçaram por esquece-los, e toda a história do Ocidente é, de certa maneira, a tentativa de suprimi-lo. Hoje, no fim de um ciclo de gerações no sentido dionisiaco, ressurge poderosamente e tone. É com efeito o mundo dentro do qual existimos.

Foi para quebrar esse ciclo nefasto, foi para acabar com o absurdo, que o deus Dionísio se encarnou em homem, virou homem, virou Orfeu, esse deus-homem. Orfeu é o caminho da salvação e da vida eterna. É o salvador, é "soter". É pela força do encanto, pela força das musas ("musiké techné") que Orfeu rompe o ciclo fenomenal, porque as musas habitam nele. O mundo fenomenal cede ao seu canto e ao seu encanto, os animais, as árvores, as próprias pedras choram. A morte, essa irmã gêmea do sono (Thanatos-Morpheos), que é o lado avesso do ciclo da reencarnação, gira em sentido contrário ante o canto de Orfeu, e devolve-lhe sua mulher Euridyke. Essa, entretanto, decal inautenticamente dentro do ciclo das gerações, porque não segue os passos salvadores do deus-homem. Torna a morrer novamente. Orfeu, ao surgir do reino da morte, que tinha vencido aparentemente sem êxito, é rasgado vivo pelas mulheres da Trácia, enraivecidas de ciúme por Euridyke. Essas mulheres em êxtase devoraram a carne e bebem o sangue do deus-homem. Mas aí acontece o milagre da transsubstanciação. Tendo comido da carne divina e tendo bebido do sangue divino, essas mulheres são libertadas do ciclo das gerações e não precisam reincarnar-se. Creio que se torna evidente demais os órficos como uma das raízes do cristianismo, para eu ter que insistir nessa tecla um tanto nojenta.

VILÉM FLUSSER

Com base nessas crenças confusas e illógicas, exaltadas e bestiais, e atraindo para si mitos do mundo olimpico, como o mito de Hermes, de Demeter e de Koré, surgiram os misterios eleusinos. Nessas festas foram representadas ritualmente as atividades projetadas nos mitos. Como os titaes tinham rasgado Zégreu, e como as mulheres tinham rasgado Orfeu, assim os iniciados nesses mistérios rasgavam um bode vivo, encarnação de Orfeu, de Zégreu, de Dionísio de Pan em último instante. As baccantes sedentas de sangue rasgavam o deus encarnado no bode, e esse bode expiatório salvava, ao ser devorado, as baccantes do peso do ciclo. Chamava-se "orgia" esse devorar do bode, e o engolir da sua carne, esse incorporar do deus no homem sedento de salvação, essa união mística nas carnes de deus e homem, chamava-se "entusiasmo". Tudo isto se desenvolvia numa atmosfera emocional, comparável talvez à macumba. Era uma atmosfera intoxicada, inclusive no sentido alcóólico e sexual da palavra. O vinho, outra encarnação de Dionísio, corria abundantemente, e a intoxicação que proporcionava era outra forma de entusiasmo, já que o vinho era o sangue do deus. A promiscuidade sexual que acompanhava ritualmente esse rito era uma outra forma de orgia, já que proporcionava uma união mística entre os iniciados. E esses ritos se desenvolveram a poucos quilômetros de Atenas, sob os olhares derisivos, mas profundamente participantes, dos intelectuais atenienses. Atrás das portas herméticamente fechadas, (fechadas por Hermes), rasgavam o véu dos fenômenos os mistagogos em forma de ^{magos} ~~magos~~, como os filósofos na agora rasgavam ^{o véu da} ~~o véu da~~ opinião (doxia). Nos ritos de Eleusis se desenvolvia o método prático, nas especulações platonicas o método teórico, da libertação das aparências, e da penetração da realidade. Em ambos os métodos foi rasgado o véu da opinião e foi revelado o escondido (aletheia). Se lanço agora um olhar sobre a cena que desenrolei diante os senhores, verifico que se trata na realidade de uma única cena, e não de duas, como quiz parecer no começo. Porque a ontologia, a epistemologia, a ética e a estética que estes dois projetos aparentemente diferentes lançam é fundamentalmente uma. Permite que a formule em palavras condensadas, e na ordem acima estabelecida.

O projeto grego estabelece duas camadas ontológicas, duas camadas de realidade. Uma, a realidade imutável, a realidade da perfeição, da ordem e da beleza. E outra, que se antepõe à primeira, para vela-la, mas também para deixá-la transparecer, é uma pseudo-realidade da mudança, da imperfeição, da desordem e do sofrimento. Mas por ser pseudo-realidade, essa segunda camada não deve ser desprezada, porque é nela e sómente nela a primeira aparece. A vida "physis" que é um movimento eterno e uma eterna busca de equilíbrio se desenvolve inteiramente nessa camada das aparências, nessa camada enganadora. Mas essa vida brota e tende para aquilo que é além dela, "metá tó physiké", o isto dá sentido à vida. O fundamento da vida, "ousia", está na realidade imutável, e as próprias formas e modelos, "morphoi, eidéiai", que ela assume nas aparências, lhe vêm da realidade imutável. Há portanto uma ligação íntima entre as duas camadas, uma ligação que é, com efeito, o caminho do conhecimento. Porque a ontologia grega é também a sua epistemologia. Conhecer é passar da aparência para a realidade verdadeira, do fenômeno para o noumenon, da opinião para a sabedoria. Conhecer é portanto idêntico com a virtude olimpica e com a salvação órfica, é a descoberta da ordem e o rasgar do véu. Conhecer, "gnosis", é a superação da condição meramente humana. O método do conhecimento imposto pela ontologia, é a descoberta sistemática do imutável dentro do mutável. A ordem (heimarmene) que informa as aparências é a sua forma imposta pela verdadeira realidade, e essa forma chama-se "logos". Na próxima aula tentarei analisar um pouco esse conceito, mas já hoje posso dizer que o método do conhecimento é lógico, isto é a redução da aparência para a sua ordem imutável. Como vêm os senhores, tanto a ontologia como a epistemologia grega são os fundamentos da ciência no sentido moderno dessa palavra. Se a ciência está atualmente em crise, é porque esses fundamentos foram esvaziados pelo seu próprio progresso. Mas também nisso falarei na próxima sexta-feira.

Premido pelo tempo abreviarei as considerações éticas e estéticas para dizer

VILÉM FLUSSER

apenas que a ética grega é-nos muito mais alheia que a sua epistemologia, já que em nossas noções práticas somos muito mais judeus. Já vejo que em apenas duas aulas não poderei esgotar este tema nem superficialmente, e proponho portanto que reservemos aos gregos três aulas. Começarei portanto na próxima sexta-feira com uma análise do herbíco e da kallokatagathia. Em conclusão dessa aula, que é apenas um torso de aula, quero pedir aos senhores que limitemos a discussão sobre os conceitos gregos mencionados, porque novos termos serão introduzidos proximamente. Mesmo assim creio que o mundo estabelecido pelo projeto grego começou a tomar certos contornos nessas considerações e que ficou revelado como esse mundo está dentro de nós, irrevogavelmente. A própria ilogicidade, absurdidade e primitividade desse mundo demonstra que a sua análise pode ser frutífera para a compreensão e talvez superação da situação dentro da qual estamos jogados. Mas é preciso admitir, que esse mundo, a despeito dos seus defeitos nos empolga, porque nos interessa intimamente. A despeito de tudo, é um belo mundo. E porquê é belo? A resposta é simples: Porque "de te fabula narratur".